SOLTEIRONA

O DIREITO DE ESCOLHER A PRÓPRIA VIDA

KATE BOLICK

intrínseca

Arco da Washington Square, cidade de Nova York

"Uma senhora que costumava passear pelo parque quarenta, trinta, vinte ou dez anos atrás poderia, andando recentemente por lá uma manhã, ter descoberto que, afinal, muito pouco mudara", escreveu Maeve Brennan, em 1966, sobre o Washington Square Park.

Solteirona

O DIREITO DE ESCOLHER A PRÓPRIA VIDA

Tradução
Lourdes Sette

KATE BOLICK

intrínseca

Copyright © 2015 Kate Bolick
Publicado mediante acordo com Crown Publishers, um selo de Crown Publishing Group, uma divisão de Random House.

TÍTULO ORIGINAL
Spinster: Making a Life of One's Own

PREPARAÇÃO
Luísa Ulhoa

REVISÃO
André Marinho
Daniel Seidl de Moura
Nina Lua

DIAGRAMAÇÃO
Renata Monnerat

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO
Heather Gatley

CAPA
Christopher Brand

IMAGEM DE CAPA
Peter Yang

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Márcia Quintella

Devo um grande agradecimento às seguintes pessoas:

Edith Konecky: citação dos trechos do diário de Edith Konecky sobre Maeve Brennan © 1974 Edith Konecky. Todos os direitos reservados. Cortesia de reimpressão de Edith Konecky.

Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company: trecho de "Her Kind", de *To Bedlam and Part Way Back*, de Anne Sexton © 1960 Anne Sexton, renovado em 1988 by Linda G. Sexton. Todos os direitos reservados. Uso autorizado pela Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company.

Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company e Sociedade dos Autores: trecho de "Professions for Women", de *The Death of the Moth and Other Essays*, de Virginia Woolf © 1942 Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company © renovado 1970 Marjorie T. Parsons, Executrix. Todos os direitos reservados. Uso autorizado pela Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company e pela Sociedade dos Autores como representante do espólio de Virginia Woolf.

Russell & Volkering: trecho de carta de Maeve Brennan para William Maxwell, 1965, e trecho de carta de Maeve Brennan para Tillie Olsen, dos arquivos de Edith Konecky, por volta de 2003. O copyright dos trechos pertencem a © espólio de Maeve Brennan. Todos os direitos reservados. Uso autorizado pelos agentes da autora, Russell & Volkening.

Trechos deste livro foram adaptados de trabalhos da autora publicados originalmente em *The Atlantic*, *Elle*, *The New York Observer*, *Poetry* e *Slate*.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B689s

Bolick, Kate
Solteirona / Kate Bolick; tradução Lourdes Sette. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
320 p.: il.; 23 cm.

Tradução de: Spinster: Making a Life of One's Own
ISBN 978-85-8057-904-8
1. Mulheres solteiras - Conduta. 2. Mulheres solteiras - Psicologia. 3. Solteiras - Guias de experiência de vida. I. Sette, Lourdes. II. Título.

16-30642 CDD: 306.8153
CDU: 392.532-055.2

[2016]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para meu pai e meu irmão
e em memória de minha mãe

Nota da autora

Ao escrever sobre minha vida e a de outros, procurei ser pessoal sem ser confessional. Mantive-me fiel às informações factuais (nomes, lugares, cronologia e datas), mas, para proteger a privacidade daqueles que ainda estão vivos, mudei alguns detalhes marcantes, usei iniciais em vez de nomes e, algumas vezes, contei apenas parte da história.

Vocês ganharam cômodos próprios na casa, até então de propriedade exclusiva de homens. Vocês conseguem, embora com grande esforço e muito trabalho, pagar o aluguel. Vocês estão ganhando suas 500 libras por ano. Contudo, essa liberdade é apenas um começo; o cômodo é de vocês, mas ainda está vazio. Precisa ser mobiliado; precisa ser decorado; precisa ser compartilhado. Como vocês vão mobiliá-lo, como vão decorá-lo? Com quem vão compartilhá-lo, e em que termos? Essas, creio, são perguntas do maior interesse e de extrema importância. Pela primeira vez na história vocês podem fazê-las; pela primeira vez, vocês podem decidir por si mesmas quais são as respostas apropriadas.

— Virginia Woolf, *Profissões para mulheres*, 1931

Este é o nosso pequeno intervalo. Esta é a nossa chance.

— Susan Glaspell, *The People*, 1917

Sumário

PREFÁCIO 13

1. Lá, o pensamento se liberta 15

2. O desejo da solteirona 34

3. A ensaísta: parte I 55

4. A colunista 79

5. A poeta 131

6. A ensaísta: parte II 167

7. A romancista 193

8. A visionária social 245

9. A ensaísta: parte III 269

10. As mulheres já são gente? 294

TRABALHOS CITADOS E CONSULTADOS 307

AGRADECIMENTOS 316

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS 319

Prefácio

Quando eu era criança, minha família passou várias férias de verão em uma ilha minúscula na costa do Maine. Um mísero ponto no mapa, o lugar tem pouco mais de um quilômetro e meio de extensão na parte mais larga, um amontoado desordenado e espinhoso de abetos e praias rochosas, nenhum hotel, loja ou restaurante, nem mesmo carros, apenas umas quarenta outrora grandiosas casas de veraneio, agora com a fundação já cedendo. Enquanto os adultos liam ou jogavam tênis em quadras de saibro, nós, crianças, desaparecíamos em um universo alternativo, correndo em roupas de banho pelas empoeiradas ruas de terra e pelos amplos gramados verdes, a maresia impregnada pelo barulho das sirenes de nevoeiro e do canto dos pássaros.

Para chegar à praia, corríamos por um caminho cortado entre cercas vivas tão altas que a sensação era a de estar descendo por uma calha que dava direto na areia e no mar, lançando-nos em outra dimensão. Quando a maré estava baixa, em vez de me atirar nas ondas com os outros eu me afastava para um istmo com piscinas naturais e rochedos para "brincar de Karana". Ela era a heroína do meu livro infantil favorito, *A ilha dos golfinhos azuis*, baseado na história real de uma indiazinha norte-americana que foi abandonada em uma ilha na

costa da Califórnia no começo do século XIX e sobreviveu sozinha por dezoito anos.

Primeiro eu juntava "ossos de baleia" de madeira trazidos pelo mar para fincá-los na areia molhada em forma de círculo — minha "cabana". Havia sempre um recipiente de plástico trazido pela maré para servir como minha "cesta trançada". Uma vez feitos esses preparativos básicos, eu partia para caçar mariscos. Grudados nos rochedos ao meu redor, os animaizinhos eram abundantes e estavam tão agarrados que eu precisava golpeá-los com uma pedra para soltá-los. Rapidamente, antes que pudessem se fixar de novo, eu jogava seus corpos duros e arredondados na minha "cesta trançada" e corria para minha "fogueira" — algum buraco em uma rocha — para "cozinhá-los" em água do mar. Depois brutalmente esmagava suas conchas, arrancava dos cacos seus corpos escuros e gosmentos e fingia "comê-los". O fato de minha refeição de mentira ser tão nojenta aumentava minha sensação de conquista.

Eu construía meu próprio reino, de acordo com minhas próprias leis; e, quando o sol brilhava intensamente, o fazia apenas em mim; e, quando meus pés se acostumavam com a água gelada, era minha resiliência que conseguia esse feito. Minha experiência de solidão era completa.

1

Lá, o pensamento se liberta

A casa da família Bolick, Newburyport, Massachusetts

Com quem se casar e quando: essas duas questões definem a existência de toda mulher, independentemente do lugar em que foi criada ou da religião dela, se tiver uma. Ela pode acabar amando mulheres em vez de homens, ou decidir que simplesmente não acredita em casamento. Não importa. Essas duas questões a governam até que sejam respondidas, mesmo que as respostas sejam ninguém e nunca.

Os homens têm seus próprios problemas; esse não é um deles.

No início, a questão sobre com quem se casar se apresenta como uma brincadeira de faz de conta, uma menina tirando uma fantasia de Branca de Neve de uma caixa e cantarolando "O meu príncipe vai chegar" para sua plateia imaginária de anões rechonchudos. A beleza, ela já sabe, é seu poder e sua atração; um noivo bonito é sua justa recompensa.

Em seguida, ela percebe que o vestido de poliéster inflamável com anáguas de tule não faz dela uma princesa de verdade, e que a beleza está nos olhos de quem vê — o que significa dizer que ela descobre seu valor de mercado. Comigo, aconteceu numa manhã, no segundo ano, quando entendi, com uma dor fria e aguda, por que não gostava das aulas de educação física, muito embora eu fosse a mais veloz e conseguisse fazer mais flexões de braço do que todo mundo. Enquanto o professor de educação física, um homem, nos levava para o pátio, vi que ele não brincava comigo como fazia com minhas colegas — as bonitas. E então descobri: *eu não sou bonita.*

Com a puberdade, surge outra oportunidade para uma autoavaliação. No quarto ano, fui a segunda da turma a desenvolver seios, os quais escondia vestindo dois suéteres de lã grossa um por cima do outro, durante toda uma primavera excepcionalmente quente — intuindo corretamente que, quando o mundo percebesse o que meu corpo aprontava, eu enfrentaria uma exposição para a qual não estava preparada.

Quinto ano: dentuça. Sexto ano: aparelho. Sétimo ano: popularidade. Sempre tive facilidade para fazer amizades, tanto com meninos quanto com meninas; agora, também estava atraindo atenções românticas, e os dois feixes de aprovação social se entrelaçavam em uma coroa. Durante as aulas, minhas amigas e eu trocávamos bilhetes sobre nossas paixonites e treinávamos a caligrafia elaborada dos nossos futuros sobrenomes de casadas. Quando vi o time de futebol feminino do colégio do ensino médio reunido em um círculo fazendo aquecimento, com uma menina no centro comandando o alongamento, decidi que, um dia, eu também seria a capitã do time.

O oitavo ano trouxe com ele um corpo de violão, do qual tomei consciência ao nadar na piscina do condomínio de aposentados de meus avós, na Flórida. Dois universitários surgiram do nada, se atiraram na água e logo voltaram à superfície com as cabeças molhadas e brilhando. "Precisamos proteger aquela ali", disseram eles, com olhares lascivos e tom de voz suficientemente alto para que minha mãe, que lia na espreguiçadeira, conseguisse ouvir. Corei de prazer e vergonha — e de vergonha de sentir prazer. O que aquilo significava? Mais tarde, ela explicou que eles se referiam ao meu "corpo bonito".

E, assim, a aproximação do nono ano me tornou melancólica e agitada. Suspeitei de que os treze anos seriam o último e derradeiro estágio da infância e que aquelas diversões ociosas que eu nunca pensara em questionar — as longas horas folheando livros de fotografias, tentando identificar um braço, até então despercebido, entre os destroços de Pompeia, ou "suplicando" aos deuses gregos (as divindades mais plausíveis, eu decidira) — logo pareceriam imaturas e inapropriadas. Quando fiz catorze anos e comecei o ensino médio, tive de ceder o reino particular de minha vida imaginária às demandas daquele império maior, onde as meninas que já bebiam cerveja e transavam estipulavam as novas regras, que eu não desejava seguir, mas não podia ignorar.

Aparelhos e seios — e depois deles uma menina se torna, se não uma das mais bonitas, pelo menos atraente. Para os garotos, digo. A faculdade traz alguns ajustes adicionais — gordurinhas infantis derretem; as que se desenvolveram tarde começam a ganhar curvas; a apenas bonitinha alimenta a inveja dos ossos esculpidos da beleza —, e então os verdadeiros jogos começam, desde o campus até os vinte, trinta anos.

Algumas resolvem o problema o mais depressa possível, por amor, obrigação ou medo. Algumas amigas minhas que se consideram sem graça me disseram que pegaram o primeiro marido que apareceu, deixando o campo livre para as bonitas e atraentes. Outras adiam o inevitável o quanto podem, cada ano que passa ficando mais excitantemente incerto

que o anterior. Tal fuga é inexplicável para as românticas, que aguardam esperançosas e ansiosas.

É difícil dizer o que é mais cansativo: a completa arbitrariedade de saber que seu verdadeiro amor poderá aparecer do nada, a qualquer momento, e mudar seu destino num instante (nunca se sabe quem está logo ali!) ou os cuidados esmerados (manicures, escovas, depilações e limpezas de pele) que garantem que se estará pronta para ser escolhida quando chegar a hora.

No fim das contas, tenha escolhido ou sido escolhida, aceitando com alegria ou resistindo com relutância, você se casa.

Você nasce, cresce e se torna uma esposa.

Mas e se não for assim?

E se uma menina crescer como um menino, encarando o casamento como um pensamento abstrato, uma possibilidade futura; uma coisa sobre a qual pensar quando for adulta, algo que poderá fazer, ou não, que depende?

Como seria isso? Qual seria essa sensação?

Em 2012, li que a primeira solteira icônica dos Estados Unidos modernos, e minha poeta favorita na adolescência, Edna St. Vincent Millay, tinha morado na minha cidade natal no início do século XX. Obviamente o Google Earth não seria suficiente. Aluguei um carro e dirigi por cinco horas rumo ao norte, do meu estúdio no Brooklyn, Nova York, até a casa em que cresci, no litoral de Massachusetts.

A descoberta me surpreendera — tanto pela proximidade emocionante de uma mulher que admiro quanto pelo fato de eu ainda não saber daquilo. Nós, povo do porto histórico (assim brada a placa na estrada) de Newburyport, valorizamos muito nosso passado cívico; é como compensamos o fato de hoje não termos relevância. Toda criança aprende que, certa vez, George Washington passou uma noite no prédio onde atualmente é a biblioteca pública. John Quincy Adams aparentemente

dormiu por toda parte. E, no entanto, não divulgamos o fato de termos abrigado uma das poetas mais famosas do século XX.

Para ser honesta, não foi a poesia de Edna que me inspirou a fazer a viagem. Quando eu tinha vinte e três anos, minha mãe morreu de repente e, nos meses seguintes, fiquei deprimida ao descobrir que, sem nossas conversas — que pressupus que existiriam para todo o sempre —, eu não tinha a menor ideia de como me entender.

A princípio inconscientemente e, mais tarde, com algo similar à intenção, comecei o longo processo de recriar nossas conversas — não com outras mulheres reais e vivas, que poderiam ser apenas aproximações grosseiras da mãe da qual eu sentia falta, mas com mulheres reais mortas, das quais eu podia me aproximar timidamente e a quem podia conhecer aos poucos, através das obras que deixaram e do que foi escrito a seu respeito.

A essa altura, incluindo Edna Millay, havia cinco mulheres desse tipo: a ensaísta Maeve Brennan, a colunista Neith Boyce, a escritora Edith Wharton e a visionária social Charlotte Perkins Gilman.

Passei a considerá-las minhas "despertadoras", termo que peguei emprestado de Wharton, que o usou em seu livro de memórias, *A Backward Glance,* para descrever as obras e os pensadores que a orientaram intelectualmente em seus estudos. A bem da verdade, minha educação foi mais sentimental. Encontrei cada despertadora em uma etapa diferente da trajetória até me tornar adulta, o que, não era mais possível negar, eu enfim tinha me tornado. Eu acabara de fazer quarenta anos.

Transformei meu aniversário em um grande evento. Aquelas de nós que desviaram do casamento e dos filhos tendem a passar pelos trinta anos como motoristas sem carteira de habilitação, adultos desautorizados. Em alguns dias, isso é ótimo — você é uma fora da lei durona na viagem espetacular da vida! Em outros, você é uma adolescente bem desenvolvida que pega o carro do pai escondido, torcendo para não ser abordada pela polícia. Durante o percurso, decidi me guiar pela famosa teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, que afirma que os quarenta anos são quando termina a fase "jovem adulto" e começa a "meia-idade", e jurei que, quando esse dia chegasse, eu comemoraria de

forma apropriada meu lugar na ordem natural das coisas, mesmo que fosse incômodo aceitar que eu não era mais jovem.

Durante seis meses, minha amiga Alexandra e eu planejamos uma festa na praia para quarenta amigos nossos e familiares mais próximos, em um lugar bem ao sul de Newburyport, no primeiro fim de semana de julho. Alexandra é casada e tem dois filhos, e talvez por isso tenha lidado com nossos preparativos no estilo casamento com mais sangue-frio do que eu, que nunca tinha organizado um evento daquele porte e me fixei em cada mínimo detalhe, com fanatismo, em busca da perfeição.

Decidi que o tema do evento deveria ser simples e náutico (uma âncora, um veleiro antigo, um caranguejo), mas também... icônico, representando transição, uma porta se abrindo enquanto outra se fecha (Jano), ou talvez estar em dois mundos ao mesmo tempo (um centauro, um minotauro), mas obviamente feminino (não uma harpia, quem sabe uma valquíria?).

O fato de eu ter levado tanto tempo para chegar ao óbvio tornou meus arranjos finais ainda mais maníacos. Na noite anterior à festa, entalhei, obstinadamente, uma sereia em um bloco de linóleo — uma habilidade utilizada pela última vez quando fui monitora da colônia de férias da Associação Cristã de Moças no verão anterior ao início da faculdade —, enchi uma bandeja com tinta preta e, com muita paciência, carimbei a silhueta formosa em quarenta panos de prato de algodão listrados de vermelho, um para cada convidado. Enquanto isso, meu novo namorado, S, colava sem reclamar adesivos caseiros de sereias em caixas de fósforos, embora estivesse de certa forma perplexo, como admitiu mais tarde, por ver o que acontecia quando — como minha família sempre dizia — enfio alguma coisa na cabeça.

Meu coração se alegrou. Estava agora realizando o sonho de ser uma sereia, como eu desejara quando criança. Nunca antes eu tinha estado em tantos limiares: entre a juventude e a meia-idade; apaixonada, mas morando sozinha; meio invisível, meio realidade

estatística[1] — à medida que, ao longo da minha vida, o contingente de mulheres (e homens) solteiros crescera tão depressa que atingira um recorde, transformando aquilo que era, quando eu tinha vinte anos, um status marginalizado em um grupo demográfico tão grande que não era mais possível questionar nossa existência.

Na manhã seguinte, a dona do bufê, minha amiga de infância Martha, que se reinventara como preparadora de banquetes, chegou com baldes de lagostas e vôngoles. Nossa amiga Alison, negociante de antiguidades, cobriu as mesas alugadas com toalhas de algodão pretas e brancas e castiçais de prata. Como eu, elas eram sereias solteiras, assim como todas as minhas convidadas, com exceção de uma.

Sem dúvida alguma eu estava procurando alguma epifania não importava como, mas funcionou. Naquela noite quente, o céu estava limpo. Observando minha família se misturar aos amigos de todas as fases de minha vida, alguns que eles conheciam havia muitos anos e outros que acabavam de conhecer, comecei a perceber uma mudança em minha percepção, uma consciência cada vez maior de que então eu possuía não apenas um futuro, mas também um passado. Era uma sensação quase física, como se tudo que eu já tivesse pensado ou realizado estivesse bordado na cauda de um vestido que agora se arrastava atrás de mim para onde quer que eu fosse.

Quando olhei para trás, para examinar essa sedosa façanha de feitiçaria, lá estavam elas, minhas cinco despertadoras, segurando-a.

Eu nunca tinha pensado naquelas cinco mulheres juntas antes, como um grupo, e, nas semanas após a festa, descobri que não conseguia parar de fazer isso. A mais velha nasceu em 1860; a mais nova, em 1917. Uma

---

1 As estatísticas variam conforme a idade e são, portanto, difíceis de precisar. Em setembro de 2014, o Census Bureau divulgou que, em 2013, 105 milhões de pessoas com dezoito anos ou mais nunca tinham se casado, divorciado ou ficado viúvas nos Estados Unidos, 53% das quais eram mulheres. Naquele mesmo mês, o Bureau of Labor Statistics relatou que, em agosto de 2014, havia 124,6 milhões de americanos solteiros, ou 50,2% (comparado com 37% em 1976) da população, levando a mídia a afirmar que o número de americanos solteiros agora superava o de casados, mas eles contavam pessoas com dezesseis anos ou mais.

era irlandesa, mas todas passaram a vida adulta nos Estados Unidos (pelo menos, a juventude; uma partiu para a França aos quarenta e poucos anos). Embora todas fossem escritoras de vários gêneros, não foram amigas em nenhum momento da vida.

Aquelas mulheres estavam comigo havia mais de uma década, no entanto ainda eram, em grande parte, abstrações, seres espectrais confinados àquele santuário invisível que existe entre o leitor e a página, como se nunca tivessem sido pessoas reais que andaram por esta mesma terra, lutando para serem bem-sucedidas, cada qual em circunstâncias pessoais e históricas muito diferentes.

Descobrir que Edna Millay andou, de fato, pelas ruas de Newburyport, o único lugar com o qual sinto uma ligação intensa e visceral, como se não fosse meramente minha cidade natal, mas um membro fantasma, provocou o desejo de trazer minhas cinco despertadoras de volta à vida, por assim dizer. Conhecê-las, conhecê-las *de verdade* — visitar suas casas, ler suas cartas, sentir seus perfumes —, era uma tarefa cuja realização estava muito atrasada. Eu não tinha certeza do que descobriria ao ver a casa de Edna, por exemplo, mas devido à minha sensibilidade ao ambiente sabia que, de alguma forma, aprofundaria minha compreensão a respeito de quem ela tinha sido.

Dirigi a primeira hora da viagem em silêncio; o emaranhado de saídas e acessos que segregam a cidade de Nova York do resto do estado exige atenção total ao GPS. Mas, quando cheguei à estrada, liguei o rádio e rodei as estações, percorrendo uma coletânea de canções populares.

Eu havia encontrado minhas cinco despertadoras por uma mistura de acaso e instinto, e, até bem depois de passar por New Haven, sofri uma espécie de fobia de compromisso, ou remorso de comprador, listando todas aquelas que podiam ter sido musicistas, artistas e pensadoras tão interessantes quanto as que eu escolhera.

Essa abordagem pouco sistemática descartou um grande número de candidatas perfeitamente aceitáveis. Por exemplo, Mary McCarthy, o ideal imaginário de tantas meninas estudiosas, muito embora certa manhã eu tenha me pegado olhando para o espelho do banheiro e

pensando em um trecho de suas *Intellectual Memoirs* como se fosse de minha autoria: "Estava ficando bastante assustador. Percebi um dia que, em vinte e quatro horas, eu tinha dormido com três homens... Não me *sentia* promíscua. Talvez ninguém se sinta."

Mas, ao passar de Connecticut para Massachusetts, lembrei que McCarthy a) tinha sido um pouco imperturbavelmente fria demais no exato momento em que eu precisava de calor e b) crescera em Seattle e Minneapolis, cidades sobre as quais eu nada sabia.

Todas as minhas quatro despertadoras que haviam nascido nos Estados Unidos tinham fortes laços com a região da Nova Inglaterra.

Além disso, ponderei, não é assim que tantas vezes a paixão funciona? Um estranho surge do nada e se torna uma estrela fixa em nosso universo. Minha suscetibilidade em relação à aparente poesia do aleatório é tanto uma bênção quanto uma maldição.

Agora já era tarde da noite. Peguei a saída para Newburyport e continuei ao longo da High Street, uma avenida larga com casas dos séculos XVIII e XIX, que leva ao centro da cidade. Como sempre, os prédios de minha juventude estavam exatamente onde eu os deixara. A Newburyport High School, com sua aparência enganosamente digna. A minúscula farmácia Lynch's, onde eu era sempre cumprimentada pelo nome. A igreja de São Paulo, lugar de meu jardim de infância montessoriano e, mais tarde, do velório de minha mãe. A doce fachada de tijolos vermelhos da minha escola do ensino fundamental.

Quatro de minhas cinco despertadoras eram ruivas.

Só quando eu dirigia por minha cidade natal extremamente branca foi que me dei conta de que as únicas características que as cinco mulheres tinham em comum eram o fato de todas serem brancas, terem tido uma relação muito ambivalente com a instituição do casamento e terem sido capazes de expressar essa ambivalência. Cada uma das três características, pode-se argumentar, era inseparável das outras. No período que me atraía — sobretudo a virada do último século —, muito poucas mulheres negras tinham o privilégio de escrever, publicar e, portanto, falar através das décadas.

E aí o pensamento cessou e a memória dos músculos assumiu o controle; virei à esquerda em nossa rua, entrei na garagem e estacionei.

A casa estava escura; já não era bem um lar. Em 1990, ela começou a esvaziar — primeiro eu, depois minha avó, em seguida meu irmão mais novo e, finalmente, nossa mãe. Depois que ela morreu, meu pai poderia muito bem ter vendido esse vestígio de sua existência passada — uma casa geminada de três andares, construída por dois irmãos no início do século XIX, com jeito da velha Nova Inglaterra — e por muito tempo me preparei para esse fim, sobre o qual não tinha qualquer controle e o qual desesperadamente não desejava.

Assim, fiquei aliviada, embora um pouco horrorizada, quando, em vez de se desfazer da casa, meu pai largou o pequeno escritório de advocacia no centro da cidade, transformou o que havia sido a sala de jantar, a sala de estar e o quarto de minha finada avó em um único ambiente e instalou seu escritório particular de advocacia no primeiro andar. Ele até pendurou uma placa de plástico com os dizeres ABERTO/FECHADO na porta da frente, debaixo da campainha original, que ainda emite um ruído gutural quando se gira a maçaneta de latão. Isso aconteceu no ano 2000.

À noite, naquela casa, tudo sempre parece acinzentado, nunca totalmente preto. Conheço cada milímetro tão intimamente que consigo visualizar o papel de parede e a mobília, mesmo quando não os enxergo. No andar de cima, acendi o pequeno abajur cor de pêssego com a cúpula amassada, e meu quarto despertou: um espaço pequeno e branco, com teto baixo e inclinado; a sanefa improvisada de renda rasgada na janela (presa lá desde o ensino médio); pilhas bagunçadas de livros e jornais velhos; piso de tábuas largas, desbotadas e empoeiradas — nunca foi um quarto muito bom.

No entanto, quando coloquei minha mala no chão e comecei a me despir, meus ouvidos se ajustaram àquela calma singular e sedutora das bibliotecas e dos quartos de infância — um silêncio ativo e quase indutor de transe, um zumbido sem barulho, como se todos aqueles livros e jornais abandonados zumbissem em uma tensão de frequência alternada com o desejo de serem tocados — até que, lentamente, o ruído em si se tornou real.

Cheguei à conclusão de que, assim como a negligência na infância deixa marcas no futuro adulto, nossas primeiras experiências de solidão prazerosa nos ensinam a sermos felizes por nós mesmos e a moldar as condições nas quais buscamos essa experiência. Para mim, era estar sozinha no meu quarto, lendo ou não fazendo nada, um ouvido sempre ligado na orquestra da vida familiar. Enquanto deslizava para baixo dos lençóis, aquele ruído perdido ecoava com toda a sua familiaridade reconfortante. Quando desliguei o abajur, parecia incompreensível que qualquer coisa importante tivesse um dia existido para além daquela cúpula minúscula.

Velejar no escuro desconhecido do sono em um cômodo que foi "meu" quase a vida inteira é um dos maiores luxos que conheço. Como Edna Millay disse certa vez sobre uma ilha que adorava: "Lá, o pensamento se liberta, e a mente fica sozinha."

"O surpreendente em *Solteirona* é que o livro traz uma ideia clara não apenas para as solteiras, mas para todas as mulheres: a de se desgarrar das concepções vigentes de como devem viver."

—THE NEW YORK TIMES

"Uma das mais importantes obras sobre história cultural feminista dos últimos vinte anos. Que essas memórias extraordinárias figurem como uma avaliação política essencial da trajetória das mulheres e como um tocante esforço individual na direção de uma visão maior."

—NATIONAL POST

"Bolick é adepta de focar as confusões ainda não estudadas e os silêncios estranhos surgidos com o despertar de uma revolução sexual incompleta — e isso instiga aquelas de nós que vivem às margens das instituições mais arraigadas de nossa cultura."

—ELLE

"À medida que traça sua evolução até se tornar uma mulher que não se desculpa pelas próprias escolhas e não tem medo da liberdade, Bolick também reivindica a palavra depreciativa 'solteirona' para todas as mulheres, casadas ou não. Um misto de estudo e memórias eloquente e bem escrito."

—KIRKUS REVIEW

ISBN 978-85-8057-904-8

9 788580 579048

www.intrinseca.com.br